

Horta: centro de telecomunicações por cabo submarino de relevância Mundial



O primeiro lançamento bem-sucedido de um cabo submarino transatlântico entre a Irlanda e a Terra Nova em 1866, comprovará a viabilidade desta importante inovação técnica sem recurso aos Açores. Todavia, razões de natureza político-estratégica irão projectar o arquipélago a um plano de grande relevância neste domínio. Em causa avulta a vontade da Inglaterra em manter o seu poder em posição destacada no concerto das nações e a célebre «rede vermelha», instrumento eficaz desse predomínio, formada por rede de cabos submarinos concebida à escala do seu extenso império, dispensava as ilhas dos Açores. Não obstante este facto, teve lugar longo processo de sucessivos contratos de iniciativa britânica com Portugal para concessão de cabos com amarração nos Açores que se arrastaria por quase três décadas, numa clara demonstração da estratégia da Inglaterra em bloquear qualquer projecto por parte de potências que pudessem disputar a sua posição hegemónica. Porém, a partir

de 1890, a pressão dos EUA, da Alemanha e da França no sentido de lançarem cabos transatlânticos, necessariamente com passagem pelos Açores, forçará a Grã-Bretanha a negociar com a sua mais antiga aliada um contrato exclusivo que, desta feita, será cumprido em 1893 com o lançamento de um cabo entre Carcavelos e a Horta. Sublinhe-se que este exclusivo colocava os países que a partir de 1899 amarraram cabos na Horta, numa situação de sub-concessionários em que a própria operação era partilhada em edifício único que veio a tomar o expressivo nome de *Trinity House*. A posição de domínio por parte da Grã-Bretanha virá a assumir contornos ainda mais exigentes a partir de 1898, quando a Alemanha toma a decisão de criar uma marinha de alto mar. Perante esta ameaça potencial e num quadro em que o poder da Inglaterra já vinha perdendo vigor, exige de Portugal que não sejam concedidas nos Açores facilidades com implicação estratégica sem que o governo de Sua Majestade

dê o seu acordo. O corte dos cabos alemães imediatamente após o início das duas Guerras Mundiais, comprova a utilidade daquela imposição sobre Portugal. Com os anos a Horta verá estabelecerem-se diversas companhias com destaque para a C.C.C. — *Commercial Cable Company*, a DAT — *Deutsche Atlantische Telegraphengesellschaft*, a *Western Union Telegraph Company*, para além de empresas de França e Itália que naquelas estabeleceram representação. Entre a Europa e os EUA pela Horta passaram mais de duas dezenas de cabos submarinos. Porém, para além do desenvolvimento do correio aéreo, os avanços das tecnologias no domínio das comunicações, culminando com o recurso aos satélites, tornaram dispensáveis os cabos amarrados na Horta e em 1969, com o encerramento da *Cable & Wireless*, encerra-se um dos mais interessantes períodos da vida da comunidade faialense. Para além da simpática nota cosmopolita que a presença de apreciável número de técnicos estrangeiros e suas famílias emprestava ao burgo faialense, a Horta destas décadas ganhou fama e proveito pela influência das «companhias do cabo» nos planos económico, social, cultural e, em particular, na introdução de modalidades desportivas que imprimiram qualidade ao estilo de vida local. Entretanto,

importa realçar que a memória deste período e do que dela permanece na presença elegante da arquitectura dos conjuntos residenciais em que se destaca a chamada «Colónia Alemã» e o complexo hoje ocupado pelo Hotel Fayal, e no porte característico dos edifícios técnicos que as «companhias» deixaram, justificase a urgente concretização da ideia da constituição de uma estrutura museológica onde se acolha o importante espólio à guarda do Museu da Horta. Está em causa, não apenas uma perspectiva de preservação de património construído, felizmente já classificado, mas sobretudo uma memória que toca profundamente aspectos indelevelmente interiorizados pela comunidade faialense com uma implicação de natureza identitária. Além do mais, preservar este património projectará qualquer iniciativa nesse sentido numa dimensão Atlântica, universalista, que extravasa, por isso, o quadro geográfico local. No espaço de um século, num singular protagonismo em que confluem o expressivo contributo do porto carvoeiro da Horta na transição da navegação à vela para os navios a vapor; a consolidação de um centro de telecomunicações por cabo submarino de reputação mundial e, por fim, ao servir de plataforma na concretização das mais importantes realizações

da história do transporte aéreo transatlântico em hidroavião entre 1919 e 1945, o nome da cidade da Horta pode bem figurar numa espécie de *hall of fame* reservado à consagração de nomes e comunidades inseparáveis das grandes realizações com significado civilizacional. Por menos, certamente com mérito, outros ocuparão lugar na lista da Unesco dedicada a immortalizar contributos que enriquecem o Património da Humanidade.

**RICARDO MANUEL
MADRUGA DA COSTA**
Núcleo Cultural da Horta



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

INFORMAÇÃO ÚTIL

Trinity House (sede das companhias de cabo submarino); conjuntos residenciais da Western Union (atual Hotel Faial Resort) e da Colónia Alemã.

LOCALIZAÇÃO:

Rua Cônsul Dabney e Rua Marcelino Lima, cidade da Horta, ilha do Faial

COORDENADAS GPS:
38°30'60"N — 28°37'50"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Cedars House (Séc. XIX); Assembleia Legislativa Regional dos Açores (Séc. XX); Igreja de S. Francisco (Séc. XV/XVII); Igreja e Colégio dos Jesuítas (Séc. XVII/XVIII); Igreja de N.ª S.ª do Carmo (Séc. XVII/XVIII); Castelo de Santa Cruz (Séc. XV/XVII); Sociedade Amor da Pátria (Séc. XX); Museu da Horta; Casa-Memória Manuel de Arriaga; Museu do Scrimshaw; Observatório do Mar dos Açores; conjunto edificado do centro da Horta (Séc. XVII/XIX).

